



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORA DE PESQUISA, PÓS-GRADUAÇÃO E INOVAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA
MESTRADO PROFISSIONAL**

EUCLEBSON CRUZ DE BARROS

**GREGÓRIO BEZERRA NA “SEGUNDA TRINCHEIRA”: história de militância política
e resistências ao Golpe e Ditadura civil-militar no Estado de Pernambuco (1964-1983)**

**RECIFE-PE
2022**

EUCLEBSON CRUZ DE BARROS

GREGÓRIO BEZERRA NA “SEGUNDA TRINCHEIRA”: história de militância política e resistências ao Golpe e Ditadura civil-militar no Estado de Pernambuco (1964-1983)

Relatório técnico para apresentação de produto à banca de qualificação do Mestrado Profissional em História, da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim

RECIFE-PE
2022

B277g Barros, Euclebson Cruz de

Gregório Bezerra na “Segunda trincheira”: história de militância política e resistências ao golpe e ditadura civil-militar no Estado de Pernambuco (1964-1983) / Euclebson Cruz de Barros, 2022.

45 f. : il.

Orientador: Helder Remigio de Amorim

Relatório técnico (Mestrado) - Universidade Católica de Pernambuco. Programa de Pós-graduação em História. Mestrado Profissional em História, 2022.

1. Pernambuco - História - Aspectos políticos. 2. Bezerra, Gregório, 1901-1983. 3. Biografia. 4. Memória coletiva. 5. Brasil - História - 1964-1985. I. Título.

CDU 981.34

Luciana Vidal - CRB4/1338

Gregório Bezerra na “Segunda trincheira”: história de militância política e resistências ao golpe e ditadura civil-militar no Estado de Pernambuco (1964-1983). © 2022 by Euclebson Cruz de Barros is licensed under CC BY-NC-ND 4.0

EUCLEBSON CRUZ DE BARROS

GREGÓRIO BEZERRA NA “SEGUNDA TRINCHEIRA”: história de militância política e resistências ao Golpe e Ditadura Civil-militar no Estado de Pernambuco (1964-1983).

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História – Mestrado Profissional da Universidade Católica de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de mestre em História.

Data de Aprovação: 27 de setembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Helder Remigio de Amorim - UNICAP
Orientador



Márcio Ananias Ferreira Vilela – UFPE
Membro externo



Walter Valdevino do Amaral – UNICAP
Membro interno

RECIFE
2022

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que compartilharam e estiveram comigo nessa jornada, principalmente a minha família, em especial minha esposa Ana Cláudia Cavalcanti Rangel que me incentivou a ir em frente.

Com todo afeto ao meu Orientador, Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim e ao Coordenador nos primeiros três semestres do curso, o Prof. Dr. Tiago da Silva Cesar.

Aos Professores do Mestrado Profissional em História: Ana Cláudia de Araújo Santos, Flávio José Gomes Cabral, Helder Remigio de Amorim, Lídia Rafaela Nascimento dos Santos, Maria do Rosário da Silva e Tiago da Silva Cesar.

Ao Prof. Me. Braz Pereira Alves Neto, que contribuiu com o excelente suporte na revisão do relatório e produto final.

Ao funcionário da Secretaria do Mestrado, Clayton, por sua presteza e urbanidade, que sempre junto resolvendo nossos problemas burocráticos mais leves.

Aos meus colegas de trabalho do Juizado Especial Criminal de Jaboatão dos Guararapes - TJPE.

Aos meus companheiros de sala de aula do Mestrado, e a todos que me apoiaram e me incentivaram nessa jornada fantástica, atraente, apaixonante e instigante do Mestrado profissional em História da UNICAP.

De modo muito especial dedico esse trabalho ao meu pai Eurico Francisco de Barros (*in memoriam*).

O mal dos males é o egoísmo. É o egoísmo que fecha os olhos dos ricos dos países pobres [...] sem perceber a situação desumana que criam, a escravidão que praticamente estabelecem. É o egoísmo que cega os ricos dos países ricos, levando-os [...] a não perceber que aceitam a aberração de ser mantida a riqueza dos países em abundância, através das injustiças da política internacional do comércio, à custa da miséria dos países pobres. (Dom Hélder Câmara).

RESUMO

Este relatório objetiva analisar parte da trajetória política de Gregório Lourenço Bezerra, também conhecido como “homem feito de ferro e flor”, por sua firmeza de propósitos como militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB) e por seu sentimento de fraternidade com os menos abastados. A posição combativa de Gregório aqui é ressaltada num recorte que vai de 1964 até 1983, que compreende o segundo golpe de estado e posterior ditadura civil-militar a qual o mesmo presenciou até sua morte. Importante evidenciar que mencionaremos outros momentos históricos vividos pelo mesmo quando acharmos as menções poderão facilitar o entendimento do leitor. Em nossas pesquisas estabelecemos contatos com fontes primárias como matérias de jornais e revistas, documentos como processos e certidões, e a biografia escrita pelo próprio Gregório. Para análise dessas fontes valemos de teóricos da história como Michel de Certeau, François Dosse, Jacques Le Goff e Paul Ricoeur, para nos embasar, respectivamente no exercício da narrativa historiográfica, o campo biográfico e as questões envolvendo história e memória, sem contar que textos complementares de ordem memorialística também foram importantes para o aprofundamento do tema. Como produto final apresentaremos uma cartilha digital ilustrada nos formatos *pdf* e de *flipbook*, destinadas preferencialmente a alunos de graduação em História mas que pode servir a um público mais amplo.

Palavras-chave: Gregório Bezerra; história política; biografia; memória.

ABSTRACT

This report aims to analyze part of the political trajectory of Gregório Lourenço Bezerra, also known as “man made of iron and flower”, for his firmness of purpose as a militant of the Brazilian Communist Party (PCB) and for his feeling of fraternity with the less wealthy. Gregório's combative position is highlighted here in a clipping from 1964 to 1983, which comprises the second coup d'état and subsequent civil-military dictatorship which he witnessed until his death. It is important to highlight that we will mention other historical moments lived by the same when we find the mentions can facilitate the reader's understanding. In our research, we established contacts with primary sources such as newspaper and magazine articles, documents such as processes and certificates, and the biography written by Gregório himself. For the analysis of these sources, we use historical theorists such as Michel de Certeau, François Dosse, Jacques Le Goff and Paul Ricoeur, to support us, respectively, in the exercise of historiographical narrative, the biographical field and issues involving history and memory, not to mention that texts complementary memorials were also important for the deepening of the theme. As a final product, we will present an illustrated digital booklet in pdf and flipbook formats, intended preferably for undergraduate students in History but which can serve a wider audience.

Keywords: Gregório Bezerra; political history; biography; memory

SUMÁRIO

1 - INTRODUÇÃO	09
2 - DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA	12
3 - DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO	27
4 - APRESENTAÇÃO E APLICAÇÃO DO PRODUTO	27
6 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
7 - LISTAGEM DOS ACERVOS E FONTES	32
8 - BIBLIOGRAFIA	34
9- ANEXOS.....	36

1 - INTRODUÇÃO

Gregório Lourenço Bezerra, notório militante comunista Pernambucano, começou a trabalhar ainda criança, nos primórdios do século XX, com afazeres campestres, em Panelas-PE, sua cidade natal. Devido as vicissitudes da vida migra para a capital pernambucana, tornando-se operário construção civil, e logo participa de movimentos em prol da melhoria de condições de trabalho. A pauta reivindicatória a qual se vinculou, teve influência direta da Revolução Russa¹ ou Revolução Bolchevique -iniciada no mesmo ano que Gregório foi preso pela primeira vez, 1917, por “desrespeito a ordem vigente”, uma vez que as autoridades brasileiras tentavam cercear levantes que derrubassem governos, como ocorrido na Rússia.

Vivenciando ativamente as ditaduras Estadonovista², e a posterior civil-militar. Aqui trataremos da trajetória política de Gregório no que consideramos a “segunda trincheira”, isto é, dos idos de março de 1964 até o ano de 1983, quando Gregório, já anistiado, partiu da vida terrena, mas deixando um legado de coragem, otimismo e perseverança.

O Brasil, que nos tempos de Gregório viveu momentos de censura oficial, na atualidade passa por uma situação onde o negacionismo histórico têm ganhado forças. Marcos Napolitano (2021, p. 86-87), destaca que as redes sociais são lugares privilegiados para disseminação de distorções a respeito dos que lutaram ao lado das classes desfavorecidas durante a ditadura. Setores da extrema-direita inclusive asseveram que não houve golpe muito menos repressão a “cidadãos de bem” entre 1964 e 1985. Assim,

[...] o negacionista rejeita o conhecimento histórico estabelecido pela comunidade de historiadores como efetivamente ocorrido no passado, em que pese várias possibilidades de interpretação validadas pelo debate historiográfico. Em outras palavras, o negacionista rejeita o conhecimento histórico estabelecidos em bases científicas e metodológicas reconhecidas, em nome de uma suposta “verdade ocultada” pelas instituições acadêmicas, científicas e escolares por causa de interesses políticos ligados ao sistema. (NAPOLITANO, 2021, p. 98).

¹ A Revolução Russa de 1917 foi um levante popular ocorrido na Rússia contra o governo do Czar Nicolau II em plena Primeira Guerra Mundial. Os revolucionários aboliram a monarquia e implantaram um regime de governo baseado em ideias socialistas sob o comando de Lênin. Notemos que a fome fez com que os sofridos operários de São Petersburgo, fizessem greve, e saíssem as ruas exigindo pão, a situação de penúria fez até mesmo que o Exército contrariasse as ordens do Czar e apoiasse operariado, e deu-se a Revolução – que empolgou diversos representantes das classes trabalhadoras em redor do mundo, incluindo o Brasil.

² O Estado Novo ou era Vargas foi um regime ditatorial presidido por Getúlio Vargas, instituído em 10 de novembro de 1937, com a decretação de uma nova constituição dos Estados Unidos do Brasil. Conhecida como “polaca” por ter sido inspirada pela carta ditatorial da Polônia, datada de 1935, editada por Józef Pilsudski, Ministro da Guerra daquele Estado. Esse foi o alento do então Presidente Getúlio Vargas que foi impulsionado nessa posição descrente da democracia.

Diante da explosão de opiniões negacionistas e da (falsa) visão de que conhecimento histórico é uma questão de opinião, se faz necessário para quem busca o campo da ciência, o confronto de opiniões. Em relação a Gregório Bezerra, percebemos, que na cena política recifense há pessoas lutando pela preservação de sua memória, lembrando as palavras do escritor, advogado e seu amigo pessoal Paulo Cavalcanti (2008b, p. 227): “Honremos o exemplo desse bravo guerrilheiro da Revolução Brasileira, imitando sua confiança no homem e na história”.

Por exemplo, no corrente ano, a vereadora Cida Pedrosa (PCdoB), faz menção a Gregório na plenária, declamando um poema autoral:

Um homem de Ferro e Flor
 Que falta faz o fuzil e a cesta cheia de balas que cheirava a jardim e esperança
 Que falta nos faz a língua blindada a ferro e o coração untado a flor
 Que falta nos faz acreditar que o campo é o mudo e que a liberdade existe além-mar
 (PEDROSA, 2022, [s.p.]).

Pedrosa, que milita na política e na arte possivelmente bebeu na fonte de outro artista o Ferreira Gullar, que em seu poema “História de um valente” também trouxe Gregório:

Mas existe nesta terra
 Mui homem de valor
 Que é bravo sem matar gente
 Mas não teme matador
 Que gosta de sua gente
 E que luta a seu favor como Gregório Bezerra
 Feito de ferro e flor. (GULLAR, 1967)³

Destaque-se que a vereadora além de declamação, versou pela indicação à Prefeitura do Recife para que seja providenciada uma homenagem a Gregório Bezerra na Praça de Casa Forte ou arredores, local que foi palco de tortura e sua prisão. Uma prova de resistência a memória não só de Gregório, mas para que não haja o apagamento de nossa história.

É com esse espírito de combate em prol da ciência que guiamos nossa pesquisa. Ao entrar no Mestrado na Universidade Católica de Pernambuco, em conversa com meu orientador, o Prof. Dr. Helder Remigio, me foi mostrado a possibilidade de investigar a atuação de Gregório Bezerra, durante os anos de 1964 e 1983. Ao ler o livro de “memórias” escrito pelo próprio Gregório, em edição condizente com o século XXI, com ilustrações e comentários a obra, senti que estava num caminho que me sentiria honrado em trilhar. Comprometi-me em elaborar uma cartilha, como produto final da pesquisa, que tivesse um cunho paradigmático a fim de contribuir com a divulgação de parte

³ A autoria de Gullar, foi em época omitida dadas as circunstâncias. Em seu lugar vinha o pseudônimo José Salgueiro. Para maiores informações vide: BEZERRA, 2011, p. 621.

significativa história desse pernambucano que se confunde com a história do Brasil. Pela lacuna existente entre a produção local de cartilhas sobre o tema, o produto proposto por nós, por si só já se justifica.

Para compor a pesquisa que desaguará na cartilha, acordamos que a mesma seria feita em duas etapas, a de *gabinete* e a de *campo*. A primeira etapa foi realizada com materiais físicos, principalmente livros, e complementada com dissertações, artigos, periódicos dispostos na web. Nesse momento aprendi a pesquisar na Hemeroteca Digital Brasileira, onde me foi aberto a possibilidade de melhor visualizar o Diário de Pernambuco. Quanto a pesquisa de campo, tive dificuldades em executá-la, ora por conta da interrupção do funcionamento presencial das instituições, em face a pandemia do novo Coronavírus, hora porque minha agenda não era compatível. Contudo, já foi elaborado um cronograma e logo após o exame de qualificação, visitarei o APEJE⁴, com vistas a examinar o Jornal do Commercio, A FUNDAJ⁵ (Biblioteca Blanche Knopf) e a Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco⁶ (Coleção Pernambucanas) em busca de periódicos, folhetins, cartazes de campanha e afins.

Salientamos que o produto, ainda em fase de estruturação, terá como norte alguns eixos: A) *Antecedentes*, aqui abordaremos de maneira brevíssima informações como: A origem de Gregório; As profissões que exerceu; Como se envolveu com a militância política; Quais os cargos que ocupou na política partidária até março de 1964. Tais elementos darão subsídios a compreensão de como Gregório “forjou-se” para as batalhas da ditadura civil-militar; B) *Gregório, o Golpe e a instalação da ditadura civil-Militar*, onde procuraremos contextualizar o que ocorria no país, em especial em Pernambuco em março de 1964 (apenas elementos gerais), identificar o porquê de Gregório ser considerado como perigoso ao novo regime e como ocorreu sua prisão; C) *O Julgamento de Gregório*, mencionaremos alguns detalhes de como as audiências eram tensas e a predisposição dos julgadores em deixar o réu na cadeia; D) *Gregório sendo libertado pelos companheiros*, aqui visualizaremos como a morosidade do aparato jurídico foi confrontada: Breve descrição do sequestro do embaixador Elbrick; justificar

⁴ APEJE - Arquivo Público Estadual Jordão Emerenciano. Endereço: Rua do Imperador Pedro II nº: 371 - Santo Antônio – Recife/PE. Foi criado pelo Decreto nº 1.265 de 04 de dezembro de 1945, com a finalidade de guardar, conservar e disponibilizar para o cidadão e para o público pesquisador, a documentação produzida e acumulada pelo Poder Executivo Estadual.

⁵ FUNDAJ - Fundação Joaquim Nabuco. (Biblioteca Central Blanche Knopf). Endereço: Rua Dois Irmãos, 92 - Apipucos, Recife – PE. Um dos maiores acervos do país na área de Ciências Sociais. São cerca de 128 mil volumes entre livros, folhetos, teses e periódicos nacionais e estrangeiros. Grande parte de seu acervo está disponibilizado na internet, por meio das bases de dados BIBLIO e KARD (periódicos).

⁶ Biblioteca Pública do Estado de Pernambuco. Endereço: Rua João Lira, S/N - Santo Amaro, Recife - PE Criada na década de 1980 é composta por um acervo de, aproximadamente, 24.797 volumes, dentre eles livros, folhetos, cordéis etc. Estas ricas fontes de informações representam a memória sócio-política e cultural do Estado.

o porquê Gregório foi selecionado para compor o time de pessoas “trocadas” pelo embaixador; onde foi recebido no exílio, e como atuou fora do Brasil e E) *A lei de anistia e o retorno ao Brasil*, sucintamente abordaremos o processo político que culminou com a volta de exilados políticos, frisando como Gregório foi recebido por seus camaradas, além de tecer considerações de como o mesmo trilhou a seara política até findar seus dias em outubro de 1983.

2. DISCUSSÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

Durante as aulas no mestrado, refletimos bastante sobre o ofício do historiador, e em nossos estudos, percebemos nas palavras de Marc Bloch, que cabe ao historiador investigar as fontes, para se produzir novas narrativas sobre o passado, uma vez que “[...] o conhecimento do passado é uma coisa em progresso, que incessantemente se transforma e se aperfeiçoa (BLOCH, 2001, p, 75). Ainda que de muita relevância, trabalhos como os *livros de memórias*, do próprio Gregório, assim como o de Paulo Cavalcanti, não esgotaram o assunto, cabendo aos estudiosos da geração posterior, observá-los com atenção, apreender seus conteúdos e apresentar pontos de vistas que venham elucidar fatos da história sob um prisma contemporâneo.

Para trazer à tona uma narrativa histórica, condizente com o que se exige na academia, portanto é preciso estar atento a questões metodológicas, como afirma José D’Assunção Barros quando diz que a metodologia:

[...] remete sempre a uma determinada maneira de trabalhar algo, de eger ou constituir materiais, de extrair algo específicos desses materiais, de se movimentar sistematicamente em torno do tema e dos materiais concretamente definidos pelo pesquisador. A metodologia vincula-se a ações concretas, dirigidas à resolução de um problema; mais do que ao pensamento, remete à ação e à prática. (BARROS, 2014, p. 67).

Na prática, buscamos levar em consideração que “[...] a ignorância do presente nasce fatalmente da incompreensão do passado” (BLOCH, 1997, p. 100). Procuramos elaborar uma pesquisa visando conhecer o passado para compreender o presente. Optamos pela operação histórica trazida por Michel de Certeau (2002, p. 66) quando mesmo aponta que é necessário uma combinação de *lugar social*, de *práticas “científicas”* e de uma *escrita*.

Do meu lugar social, de Bacharel em Direito mestrando em história, tenho procurado coletar informações a partir de textos, livros, artigos publicados, depoimentos, entrevistas e demais materiais de caráter histórico, dando um tratamento analítico a fim de refletir sobre a trajetória de Gregório

Bezerra entre as décadas de 1960 e 1980. Em nosso “fazer historiográfico” temos em mente o que François Dosse afirmou: “a prática do historiador está, pois, por princípio, aberta a novas interpretações, a um diálogo sobre o passado aberto para o futuro” (DOSSE, 2009, p. 409-410), e procuramos analisar a pluralidade dos escritos do passado com um olhar contemporâneo.

Quando olhamos para as memórias escritas por Gregório Bezerra, num momento de reflexão sobre sua trajetória, mas também um momento em que seu partido estava encurralado pela ditadura instalada em 1964 no Brasil⁷, não podemos deixar de pensar essas memórias como uma tentativa de construção de uma data imagem do que ele considerava como sendo um comunista, com seus valores e objetivos. Sobre a análise de memória recorreremos a Jacques Le Goff, quando diz que:

A memória é o artifício mental do ser humano para lembrar e relembrar dos acontecimentos vividos ou apreendidos do passado com maior ou menor grau de detalhes. Um verdadeiro arquivo mental dedicado a conservar, de forma seletiva, imagens e fatos. Na visão de Jacques Le Goff, a memória está relacionada a um conjunto de funções psíquicas responsáveis pela renovação de impressões ou informações passadas ou entendidas como passadas. (LE GOFF, 1990, p. 366).

Le Goff ainda nos orienta como analisar documentos, incluindo os memorialísticos:

O documento não é inocente, não decorre apenas da escolha do historiador, ele próprio parcialmente determinado por sua época e seu meio; o documento é produzido consciente ou inconscientemente pelas sociedades do passado, tanto para impor uma imagem desse passado, quanto para dizer “a verdade” (LE GOFF, 1993, p. 54).

Seguindo as orientações de Le Goff, destacamos que nesta pesquisa prezamos por apreender o legado histórico de Gregório Bezerra que vivenciou, como preso político, as medidas repressivas do estado, visando, dentre outras coisas, melhor compreender o conteúdo de suas memórias, fazendo associações com outros documentos de época e com a historiografia. Por uma questão pessoal, tento também estabelecer uma ponte entre o que leio e minhas memórias, sobretudo, do período que coincide com os últimos anos da vida de Gregório, atento ao que nos informa Paul Ricoeur:

De um lado, o esquecimento nos amedronta. Não estamos condenados a esquecer tudo? De outro, saudamos como uma pequena felicidade o retorno de um fragmento de passado arrancado, como se diz, ao esquecimento. As duas leituras prosseguem no decorrer de nossa vida - com a permissão do cérebro. (RICOEUR, 2007, p. 427).

⁷ A primeira edição do livro foi publicada em 1979, pela Civilização Brasileira. No epílogo, Gregório afirma estar vivendo a nove anos, desde 1969, na URSS, portanto, o livro deve ter começado a ser escrito em meados da década de 1970, momento em que muito membros do PCB estavam sendo atacados, apesar do partido não ter participado da luta armada.

Algumas dessas lembranças pessoais do âmbito político nacional, como eventos e datas, facilitaram a execução da pesquisa em jornais, blogs. Salientamos que para melhor desenvolver essa etapa da pesquisa, recorremos a Tânia Regina de Luca (2005, p. 112), que tanto nos despertou para elementos intrínsecos do texto escrito em plataformas físicas, quanto aos seus produtores e reverberações. A autora ainda chama a atenção para sermos criteriosos quanto a escolha de fontes em meio virtual:

[...] ao percorrer milhares de páginas em alguns segundos, os resultados podem sugerir novas possibilidades e chamar atenção de aspectos antes sequer imaginados. Assim as consequências do uso dos meios eletrônicos para o encaminhamento da pesquisa seguem em aberto e ainda carecem de reflexão mais cuidadosa. (LUCA, 2020, p. 58).

Diante do exposto por Luca, ao longo da pesquisa, ficamos mais atentos com a confiabilidade das fontes, observando, no caso de Gregório, se elas eram respaldadas em linhas do discurso de adversários ou partidários.

Uma preocupação que vivenciamos a cada palavra que colocamos em nosso trabalho, é a de tentar fazer um texto com uma linguagem mais amena, convidativa a leitura, mas permanecendo no campo da ciência. De fato, concordamos com Dosse quando o mesmo aponta que escrever histórias de vida, as biografias, é algo desafiador. Ao mesmo tempo que o autor aponta as precauções na escrita suas palavras nos incentivam a continuar no processo: “Desde meados dos anos 1980, a situação mudou significativamente. O momento é de reaproximação entre a história e a biografia. De repente o gênero biográfico voltou a ser cientificamente legítimo. Todas as ciências humanas investem nesse campo de prospecção [...]” (DOSSE, 2009, p. 405-406).

Para entendermos melhor o trajeto de Gregório em sua trajetória entre os anos de 1964 a 1983, recuamos no tempo, com vistas a ter um breve panorama que o configurou como *persona non grata* aos partidários do regime militar. Mais precisamente voltemos ao fim do século XIX e início do século XX, onde a seca assolava cruelmente o interior pernambucano: Gregório Lourenço Bezerra nasce em 13 de março de 1900, em Panelas, a 200 quilômetros do Recife, aos quatro anos já trabalhava na roça, aos sete vê-se na condição de órfão. Em 1910 migra para o Recife, onde foi, ao longo dos anos, empregado doméstico, carregador de fretes, ajudante de pedreiro, aqui começa a participar de movimentos reivindicatórios como operário da construção civil. Ainda analfabeto, alista-se no exército, na busca por aperfeiçoamento,

aprende a ler e escrever, filia-se ao PCB e chega ao posto de instrutor de educação física no Colégio Militar de Fortaleza.

Sobre essas três primeiras décadas de vida, Paulo Cavalcanti aponta terem sido cruciais ao desenvolvimento de Gregório, visto que o percebe como um homem que encarnava a mais autêntica figura de líder popular, por suas origens sociais, por seu amor às massas sofridas e desamparadas, por seu nível ideológico, por uma permanente presença da consciência de classe. Acrescenta que contribuíram para isso sua condição de camponês de nascimento, semiletrado, que se alfabetizou depois de homem feito, sua vida militar, na carreira como instrutor de educação física que dera-lhe o aprumo do corpo e como membro do Partido Comunista chegando a clarividência do espírito (CAVALCANTI, 2008b, p. 218-222).

Entre as décadas de 1930 e 1940, Gregório envolve-se ainda mais com a política: torna-se um dos dirigentes da Aliança Nacional Libertadora e posteriormente é eleito como deputado federal, pelo Partido Comunista. Na opinião de Cavalcanti (2008b, p. 222-2226), Gregório não foi levado ao comunismo, nem ao marxismo pelas vias das elucubrações da mente. O mecanismo da exploração do homem pelo homem chega a eles pela própria experiência de vida, pela sensibilidade, pela dignidade de sua condição de humanista, por suas raízes sociais, dessa forma o então deputado Gregório, em discurso às massas, era a própria voz do povo, sem a linguagem rebuscada dos demagogos. Ia direto aos assuntos, mergulhando no dia a dia da tragédia dos pobres. Fazia-se compreender pelos sentimentos, mais do que pelo verbo.

Na década de 1950, as ligas camponesas despontam no Brasil, Gregório, vivendo na clandestinidade é responsável por grande parte da união dessas massas organizando centenas de organizações o que gerou frutos que chamavam atenção de latifundiários e políticos conservadores. Entre o ano de 1963 e 1964 o movimento camponês brasileiro contaria com mais de 1.200 sindicatos rurais organizados, existiam mais de 2,2 milhões de trabalhadores assalariados, 43 federações rurais e a Confederação Nacional dos Lavradores Agrícolas do Brasil. (BEZERRA, 2011, p.610).

Entre os anos de 1900 e 1963, não foram poucas as privações submetidas a Gregório: fome, maus tratos nos trabalhos, prisões, clandestinidade. Em contrapartida, admiração por parte de camaradas, operários e camponeses. Converteu-se em símbolo de resistência e por isso não foi poupado quando em 1964 os militares tomaram o poder. As justificativas para o golpe de 31 de março são diversas, os interesses também. “Ninguém imaginava outra coisa além de eleições em 1965, mas todos estavam enganados. Uma facção entre os golpistas tinha agenda própria, o governo dos militares iria durar 21 anos, e o Brasil acabava de ingressar numa longa ditadura” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 445).

Segundo Maria Helena Moreira Alves, a justificativa dos golpistas em afastar o perigo do comunismo e acabar com a corrupção era falaciosa, para a autora:

O desenvolvimento dependente e os específicos interesses internacionais e nacionais a ele associados formam o pano de fundo indispensável à avaliação da conspiração civil e militar que derrubou o governo João Goulart, no Brasil, a 31 de março de 1964. Esta conspiração foi consequência direta de uma série de restrições e contradições que vinham ganhando vulto anos anteriores. O governo de Goulart promovera uma série de restrições aos investimentos multinacionais, configuradas entre outras medidas, numa severa política de royalties e de transferências de tecnologia, assim como em legislação antitruste e em negociação para a nacionalização de grandes corporações estrangeiras. [...] o período de João Goulart foi fértil para a organização da classe trabalhadora [...] A descentralização do sistema político deu aos Estados real autonomia decisória, o que ficou particularmente patente em Pernambuco, durante o governo Miguel Arraes [...] (ALVES, 1985, p. 21-22).

A autonomia decisória de Pernambuco, custou holofotes para a prisão do ex-governador Miguel Arraes poucas horas após a deflagração do golpe:

Figura 1- Arraes pressionado



Miguel Arraes cercado por militares no Palácio do Campo das Princesas no dia do golpe de 1964. Foto: Arquivo/DP/D.A Press.

No dia 31 de março, Arraes conversou com o presidente João Goulart, que relatou as dificuldades encontradas pelo governo federal, além da situação política em Minas Gerais. No mesmo dia, o governador que seria deposto enviou uma nota oficial aos jornais do estado garantido que a situação no estado estava "tranquila".

Arraes, no texto, também defendia a democracia e a legalidade. O discurso, porém, não estava de acordo com a realidade. O golpe já era quase um fato consumado. No mesmo dia, Arraes se reuniu com assessores no Palácio do Campo das Princesas, onde também residia com a mulher e os filhos. Dois dirigentes do PCB, David Capistrano e José Leite, que estavam na reunião, sugeriram que o governador fosse para o município de Palmares, na Mata Sul, onde teria condições de resistir. O governador recusou a proposta, o que, mais tarde, seria analisado como uma postura bem pensada, já que tropas do Exército, vindas do estado vizinho de Alagoas ocupavam a cidade pernambucana. Miguel Arraes também escreveu e enviou um manifesto aos demais governadores da região Nordeste. No documento, ele pedia que todos resistissem à quebra de legalidade e que apoiassem o presidente deposto João Goulart. O apelo não encontrou ressonância. Na noite do dia 31 de março, como o golpe de estado era um fato eminente, Miguel Arraes decidiu não dormir no palácio. [...] Os coronéis João Dutra Castilho, do 14º Regimento de Infantaria, e Ivan Rui de Andrade Oliveira, do 7º Regimento de Obuses, chegaram ao palácio para comunicar que Jango havia sido deposto, que as Forças Armadas haviam assumido o comando do país, e que Arraes deveria renunciar. À noite, os militares voltam ao palácio para prender Arraes. O local já havia sido esvaziado, só restavam Arraes, o tio Antônio Arraes de Alencar e Valdir Ximenes, diretor da Companhia de Revenda e Colonização, casado com uma prima de Arraes. (DIARIO DE PERNAMBUCO online, 31/03/2014, [s.p.]).

Figura 2- Arraes sendo conduzido à prisão



Miguel Arraes sendo levado ao 14º Regimento de Infantaria, em Jaboatão dos Guararapes. Ele deixa o Palácio do Campo das Princesas em companhia do assessor e primo Valdir Ximenes e de um oficial do Exército. Foto: Arquivo/DP/D.A Press.

Quando se deu o Golpe, Gregório estava reunido com mais de oitenta militantes do PCB e delegados sindicais de Palmares-PE, tentando encontrar estratégia para unir forças de esquerda. Quando recebeu a notícia que o golpe era fato consumado encaminhou-se para o Recife:

Diante dessa situação, resolvi dirigir-me diretamente ao Palácio do Governo [...] logo ao chegar ao palácio [...] dirigi-me à sala do secretário-assistente, mas a porta estava fechada. Sem perda de tempo subi para falar diretamente com o governador, deparei com três gorilas carrancudos. Olharam-me e penetraram no gabinete do governador, de onde saíram dois cidadãos o diretor dos portos e um amigo de Arraes. Ambos estavam nervosos. Nada disseram a mim, nem era preciso: compreendi que o governador Miguel Arraes estava preso. Regressei a Palmares[...]. (BEZERRA, 2011, p. 530).

No regresso ao interior do estado, Gregório de forma estratégica tentou prevenir os trabalhadores que o momento era de observação, não as vias de fato de uma luta armada, visto que o poderio bélico do Exército era desproporcional aos dos simplórios camponeses, que de armamento possuíam estrovas e foices. Admirado com a disposição dos trabalhadores, quando passava pela cidade de Cortês, encontrou com mais de duzentos trabalhadores, pedindo aos líderes do sindicato rural armas para repor o governador, chamado de “pai Arraia,” ao poder:

Apelei para a unidade e a coesão dos trabalhadores agrícolas em torno do sindicato e do partido, para defendermos todos juntos as conquistas do povo. Disse ainda que, mesmo não sendo possível rechaçar imediatamente o golpe que derrubou Arraes e Jango, os gorilas não poderiam ficar eternamente no poder. -Eterno é o povo. Eterna é a verdade. Por isso o pai Arraia de vocês voltará a governar o estado, em condições mais favoráveis para vocês e para todo o povo brasileiro. Nosso partido sempre esteve do lado de vocês e continuará sempre ao lado das massas sofridas. Até a vitória companheiros!” (BEZERRA, 2011, p. 530).

Desde que deixara o Recife, Gregório tinha consciência que a qualquer instante poderia ser preso ou assassinado. A prisão de fato ocorreu no dia seguinte, quando é apanhado por um grupo comandado pelo capitão Rego Barros, no município de Ribeirão-PE. No retorno ao Recife é duramente torturado e arrastado com três cordas no pescoço pelas ruas do bairro de Casa Forte. A empatia e o clamor popular, contudo, o livrou de ser assassinado.

Segundo Paulo Cavalcanti, relata que golpe dado em 1964, em pouco tempo abasteceu de forma desumana os cárceres do Recife:

Todos os quartéis militares, delegacias de polícia, comissariados e ante-salas da Secretaria de Segurança pública, repletas de homens e mulheres de todas as categorias sociais. Caminhões e ônibus, como transporte de bois para o matadouro, chegavam ao Recife camponeses famintos, trazidos muitas vezes por meras perseguições, querelas de trabalho [...] A esses milhares de presos infligiam-se maus tratos, humilhações e até torturas desumanas. (CAVALCANTI, 2008a, p. 23).

Cavalcanti, coloca como cúmplice dessas atrocidades imprensa pernambucana, visto que muitas eram as manchetes prosseguiam “[...] em sua fúria jornalística, vomitando calúnias e embustes. [...]” (CAVALCANTI, 2008, p. 35). Entre os comentários ferinos, o autor ainda relembra o caso do jornalista Luis Cysneiros, que divulgava que uma série de companheiros de profissão seriam aniquilados por subversivos comunistas:

Perguntando a si mesmo quem teria interesse de assassiná-los, Cysneiros perdia-se em divagações: Quem? Quem? Gregório Bezerra? Coitado de Gregório! Este era um dos poucos que sabia que a vida de vinte companheiros seus responderia pela minha. Não seria olho por olho, mais (sic) olho por vinte! E a Gregório não conviria a troca. (CAVALCANTI, 2008a, p. 35).

Cysneiros dava a alcunha de “coitado” a Gregório, talvez em um medo disfarçado de desprezo, humilhação, talvez se referindo à origem simples de um retirante da seca, sem família abastada. Sabendo que Gregório, apesar de austero era um humanista, afrontava-o. O jornalista tinha ciência de que o afrontado, era uma figura de destaque, visto ser dirigente do Comitê Estadual do Partido Comunista Brasileiro e respeitado líder camponês. Sua prisão foi decretada no interior de Pernambuco e sua condução à cadeia na capital, pode ser comparada a um martírio com ampla cobertura da imprensa local:

As fotos tomadas pelos jornais e televisões do Recife sobre o brutal espancamento de Gregório foram exibidas fartamente, comovendo a cidade. Milhares de pessoas viram o líder camponês pela televisão, arrastado pelas ruas, três cordas puxando seu corpo, a partir do pescoço - e Villocq gritando para os circunstantes para que fossem com ele participar do enforcamento de Gregório no jardim de Casa Forte. A essa altura, os pés de Gregório estavam completamente queimados por solução de bateria de automóvel, derramada [...] de propósito [...] Nas paredes do Xadrez do Corpo da Guarda, Villocq deixou ficar as manchas de sangue de Gregório, como advertência de que no seu quartel, “ninguém dorme de touca” (CAVALCANTI, 2008a, p. 70-71).

O major Darcy Villocq, felizmente, não ceifou a vida de Gregório, e o ato de covardia espetacularizado, repercute até o dia de hoje como na charge do cartunista Latuff:

Figura 3: Martírio de Gregório



Fonte: Latuff, 2008 /Brasil de Fato, 2019, [s.p.].

Figura 4 – O martírio fotografado



Recorte da Revista Manchete, extraído do processo de execução nº 273/01 da Secretaria da Justiça do Estado de Pernambuco, referente a indenização de preso político impetrado por Jurandir Bezerra, filho e representante legal de Gregório Lourenço Bezerra, doc.15 pag. 24.

O *Diario de Pernambuco* fez ampla cobertura do julgamento de Gregório:

1) *Sobre a motivação da prisão:*

O réu Gregório Bezerra preso em virtude de decisão do Conselho Permanente de Justiça do Exército, e figura como acusado em três processos. O primeiro instaurado com base no IPM realizado para apurar a subversão na cidade do Recife, outro fundamentado no IPM efetuado na área rural, também para apurar as atividades ilícitas e corruptas dos comunistas nessa região e, finalmente, no que provocou o IPM instaurado para precisar a extensão do programa revolucionário dos Grupo dos 11. Gregório tem decretadas contra si duas ordens de prisão preventiva, uma nos autos do primeiro processo, a outra, nos autos do segundo. Gregório Bezerra obteve alvará de soltura da Auditoria de Guerra, mas responderá por outros processos nos quais tem prisão preventiva decretada. (DIARIO DE PERNAMBUCO, 11/12/1965).

2) *Sobre a negativa do habeas Corpus e acusação:*

A Auditoria de Guerra da 7ª Região Militar recebeu um radiograma do Superior tribunal Militar, comunicando a decisão tomada por essa Corte de Justiça, negando pedido de “habeas-corpus” requerido pelo réu Gregório Bezerra.

Gregório Bezerra figura como réu em mais de um processo, sendo o mais importante o que se baseou na IPM instaurado a fim de apurar as atividades de subversivos no Recife, e cuja lista de réus era encabeçada, anteriormente, pelo ex-governador Miguel Arraes. Agora é o próprio Gregório Bezerra quem inicia o rol dos acusados naquele processo, por ter sido fixada pelo Supremo Tribunal Federal, a competência do Tribunal de Justiça de Pernambuco para processar julgar o ex-governador. Essa competência, no entanto, em virtude de preceitos contidos no Ato Institucional nº 2, passou a ser, efetivamente, da Justiça Militar, devendo o promotor Francisco Accioly apresentar nova denúncia contra o ex-chefe do Poder Executivo de Pernambuco.

A decisão do STM no caso Gregório foi por entender que não existe excesso de prazo na prisão preventiva, pois os dois processos envolvem mais de 100 indiciados, com mais de 700 testemunhas de acusação e defesa. O ministro Peri Bevilacqua votou para que os autos baixassem em diligência a fim de ser constatada a legalidade do decreto de prisão preventiva.

O Ministro Francisco Correia de Melo relator da matéria, declarou que “o paciente teve sua prisão preventiva decretada a 21 de maio de 1964, pela Auditoria da 7ª Região Militar, denunciado em dois IPMs, inclusive no das Ligas Camponesas”. Disse que no relatório do encarregado do IPM, Gregório Bezerra foi considerado “frio, sanguinário e incendiário”. Justificou o excesso de prazo para

a prisão preventiva por reconhecer que “o processo é composto de 28 volumes, com centenas de anexos, já tendo sido interrogadas numerosas testemunhas”. Disse que negava a ordem por “já estar o acusado à véspera de uma condenação cuja pena mínima é de 03 anos de reclusão não sendo assim ilegal a sua prisão até o julgamento”.

O advogado Vivaldo de Vasconcelos, patrono de Gregório Bezerra declarou que “o meu constituinte tem as costas largas e todas as vezes que se impetra “habeas-corpus” a seu favor vêm à tona casos passados, contra ele, e pelos quais já foi anistiado ou absolvido. Exemplificou o advogado que “no incêndio do quartel do 15º Regimento de Infantaria, em João Pessoa, Gregório Bezerra foi responsabilizado, mas na época, o atual procurador-geral da Justiça Militar, Sr. Eraldo Gueiros Leite, era o promotor da Auditoria da 7ª RM e pediu a absolvição de Gregório por falta de provas”. Disse, ainda, o advogado: “o que há atualmente é um interesse político em acusar Gregório e foi até bom que ele estivesse preso no dia do atentado terrorista no Aeroporto de Guararapes, senão seria apontado também como o responsável”. Acrescentou que “os prazos da prisão já foram esgotados 30 vezes” e pediu justiça para o caso.

O Sr. Eraldo Gueiros Leite disse que “Gregório é um contumaz da subversão e irrecuperável. A liberdade dele irá conturbar mais ainda a região nordestina”. O ministro Romeiro Neto declarou que “o excesso de prazo não constitui constrangimento ilegal face ao número excessivo de testemunhas e à própria ação do paciente que demanda longas e demoradas investigações”. O ministro Mourão Filho disse que “embora os crimes de Gregório Bezerra tenham sido prescritos, o que não prescreve é a sua ferocidade pessoal”. O ministro Peri Bevilacqua afirmou que “para mim paciente de habeas-corpus não tem nome e sim um número na capa do processo e democracia se define como liberdade dentro da lei. Não estou em condições de conceder ou negar este habeas-corpus, porque não sei se a prisão preventiva foi legal, constando do depoimento de duas testemunhas ou da confissão do acusado”. O ministro Peri Bevilacqua votou para o processo baixar em diligência, a fim de ser melhor informado.

O ministro Alcides Carneiro declarou que chegava a ordem porque Gregório Bezerra “era executor direto de Prestes”, É um líder nato e de extraordinárias qualidades como agitador. Se Lampião tinha apenas instinto, Gregório tem inteligência e muito raciocínio. Tem astúcia e a coragem da suçuarana, que quando presa não assusta nem às crianças, mas solta, até os passarinhos fogem da mata. Eu confesso que tenho medo de suçuarana” - disse. O ministro Grum Moss negou a ordem por reconhecer “a periculosidade do paciente e a extensão do processo”, enquanto o ministro Floriano de Lima Brayner, após reportar-se aos fatos atribuídos a Gregório desde 1935, disse que “na defesa das instituições o excesso de prazo está perfeitamente pacificado”.

O Auditor da 7ª Região Militar, Dr. Amílcar Cardoso de Menezes, iniciou no dia 20 de julho de 1965 perante o conselho Pernambucano de Justiça do Exército, o sumário de culpa do processo a que responde o comunista Gregório Bezerra, acusado pelo Ministério Público de atentar contra o ordenamento político e social estabelecido pela Constituição Federal.

Gregório Bezerra teve ativa participação em todos os movimentos de caráter comunista no Brasil e, particularmente, em Pernambuco, onde, em 1935, durante a intentona comunista, assassinou, friamente vários companheiros de farda da Polícia Militar do Estado. Durante o Governo Miguel Arraes, exerceu poderosa influência sobre o maquinismo subversivo posto a funcionar em Pernambuco pelo ex-governador e auxiliares imediatos.

Ao mesmo tempo em que Supremo Tribunal Federal recebia telegrama de Pernambuco comunicando a liberdade do ex-deputado Francisco Julião, concedida “habeas-corpus” em favor de Ivo Carneiro Valença, processado e preso juntamente com Julião. Assim em Pernambuco só resta um preso político, o líder comunista Gregório Bezerra de 70 anos de idade, detido desde 1º de abril de 1964. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 11/08/1966).

3) A pena de dezenove anos de prisão

A pena do agitador comunista Gregório Bezerra poderá ser reduzida. Isto é a opinião do Sr. Eraldo Gueiros, Procurador Geral da Justiça Militar. A pena de Gregório é de 19 anos, imposta pelo conselho Permanente de Justiça da auditoria da 7ª Região Militar.

O parecer conclui pela punição com base na nova Lei de Segurança, cujo art. 21, fixa a pena de 4 a 12 anos para quem tentar subverter a ordem política e social, com o fim de estabelecer ditadura de classe, de partido político, de grupo ou de indivíduo.

Gregório Bezerra denunciado por ter praticado crimes previstos em vários artigos da Lei nº 1.802, tendo sido condenado a 5 anos, por tentar subverter a ordem com a ajuda de instituição estrangeira; 5 por tentar reorganizar o Partido Comunista; 4 por colaborar para a manutenção de entidade ilegal; 3 por fazer propaganda de processos violentos para a subversão da ordem; e 2 por incitamento à luta pela violência. Em seu parecer, o Sr. Gueiros Leite afirma que a decisão traduziu a matéria de fato provada no processo, atribuída a Gregório Bezerra, como figurante, em concurso material, de várias ilicitudes, todas ferindo a segurança nacional.

Diz o Procurador que a prova dos autos confirma plenamente a autoria de todos os crimes atribuídos ao acusado, acrescentando que, assim, caberá ao STM o estudo do caminho criminoso, tropeçando pelos crimes meios consumados, fixar a punição que corresponda ao verdadeiro crime do apelante que foi o de tentativa de subversão (com o auxílio de organização internacional), para

alcançar o objetivo da mudança do regime democrático. Na hipótese dos autos, porém, está evidenciado que aqueles delitos foram absorvidos pelo crime maior.

Conclui, propondo ao Superior Tribunal Militar a punição de Gregório Bezerra, mas com base na nova Lei de Segurança que, conforme declara, é muito mais benigna que a Lei nº 1.802, vigente à época em que os crimes foram praticados.


Sobre a prova do processo, o Sr. Gueiros Leite diz que Gregório Bezerra há muitos anos exercia atividades comunistas tendo, em 1935, participado da revolução comunista, quando matou friamente o capitão Xavier Sampaio e feriu o tenente Agnaldo, pelas costas. Foi condenado e, posteriormente, anistiado pelo então presidente Getúlio Vargas. Continuou suas atividades, até que, em fins de 1963 e início de 1964, instalou seu QG em Palmares e, com a ajuda de Miguel Arraes, preparou uma revolta armada que seria deflagrada em 1 de maio daquele ano.

A Revolução de março, entretanto, destruiu os planos de Gregório Bezerra, que foi preso naquele mesmo local. Nessa ocasião, afirmou aos soldados do Exército que o foram prender: “Matem-me logo, pois, se fosse o contrário, eu não os pouparia”. A apelação tem como relator o ministro Ribeiro da Costa, e foi requerida pela defesa de Gregório Bezerra. (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 24/09/1967).

Pelos adjetivos associados a Gregório, como os de “agitador”, “assassino”, e definições como “revolução de 1964”, percebia-se que a linha editorial do jornal se afinava ao novo Regime. Camaradas de partido não só achavam que a prisão era injusta como a pena longa demais, principalmente por a esta altura Gregório já contar com sessenta e sete anos de idade e algumas enfermidades, necessitando, inclusive passar por uma intervenção cirúrgica em 1968. A seguir alguns fotos de alguns de um documento comprovando a estada do paciente no Hospital Centenário:

Figura 6 – Comprovação de estada de Gregório no Hospital centenário

Ilmo Sr Comissario Chefe
 da Delegacia de Ordem Social.



Parte
 Devo ao vosso conhecimento
 que durante minhas 6 hrs de serviço
 no H. Centenario a partir de 00hs
 do dia 1 as 6 hrs do dia 2 onde se
 acha recolhido o comunista Gregorio
 Bezerra malgouve de avasabal.

Atenciosamente.

Recife 2 de julho de 1968
 Hilton Fernandes da Silva Inv. 201

Atesto que esta cópia está de conformidade com o original depositado neste Arquivo.

16 de 03 de 2001

D. J. S. / Departamento de Arquivo

Documentada Secretaria de Segurança Pública de Pernambuco, emitido por agente policial, referente a comunicação da custódia do preso político Gregório Bezerra, submetido a intervenção cirúrgica no Hospital Centenário, julho de 1968.

A linha de combate contrária a ditadura e a influencia ianque, resolveu adotar um plano ousado: sequestrar o embaixador Elbrick, em troca da libertação de quinze presos políticos. “A mais espetacular ação executada pela esquerda revolucionária aconteceu no Rio de Janeiro, em 1969, e surgiu da cabeça de dois jovens militantes – Franklin Martins e Cid Benjamim – da Dissidência Universitária da Guanabara, uma organização minúscula mais atrevida: o sequestro do embaixador norte-americano Charles Burke Elbrick.” (SCHWARCZ; STARLING, 2015, p. 462).

Um dos presos políticos trocados pelo embaixador Charles Elbrick, foi Gregório que relatou o acontecimento:

No início de setembro de 1969, o mundo foi surpreendido pela espalhafatosa notícia do sequestro do embaixador americano [...] De fato, foi uma ação bem planejada e rigorosamente executada, coroada de êxito. Em troca do representante da mais poderosa nação capitalista do mundo no Brasil, os dirigentes dos grupos de esquerda exigiram a liberação de quinze prisioneiros políticos que deveriam ser enviados para o México, Argélia ou Chile [...] quando a lista chegou ao meu conhecimento, tive uma surpresa, pois sabia que o partido não tinha participado da ação de sequestro e não esperava ser incluído entre os quinze [...]” (BEZERRA, 2011, p. 576).

Assim o Camarada Gregório, agradeceu o gesto, mas frisou “por uma questão de princípio devo esclarecer que embora a libertação nessas circunstâncias, discordo das ações isoladas: [...] Aceitando a minha libertação, faço questão de declarar que não abdicarei jamais dos princípios marxista-leninistas [...] luto por princípio, contra sistemas de força. Não luto contra pessoas individualmente. (BEZERRA, 2011, p. 577).

Ao sair da prisão, Gregório é enviado para o México, de onde vai para Havana e depois Moscou. Durante dez anos entre cuidados médicos, dedica-se a congressos e palestras com trabalhadores de países socialistas. Anistiado, retorna ao Brasil em 1979, dois anos após candidata-se a deputado Federal pelo PMDB, tornando-se suplente. No ano seguinte participa do processo de reconquista democrática e participa da campanha eleitoral n no seu estado natal.

Infelizmente a saúde de Gregório estava bastante debilitada, segundo Paulo Cavalcanti (2008b , p. 222-225) seu físico não acompanhava mais a vitalidade do espírito, a respiração sôfrega tolhendo-lhe as palavras, no dia . No dia 21 de outubro de 1983, Gregório morre em São Paulo. Seu corpo é velado em Pernambuco na Assembleia Legislativa. Nesse dia sentimento de dor dominava o Recife. Os noticiários, impregnados do mais espontâneo espírito de solidariedade, varavam barreiras ideológicas e desfaziam prevenções. Os mais ferozes adversários calavam em face da morte de um destemido lutador. Um caminhão da limpeza

pública parou junto ao coche funerário. Os garis da prefeitura batendo palmas, homenageavam Gregório, num último adeus àquele que exauria toda a sua vida pela redenção da classe operária.

3. DISCUSSÃO SOBRE O FORMATO

A priori, o formato escolhido anteriormente seria uma fotobiografia digital editada em vídeo e, disponibilizado na internet através de um blog ou canal do Youtube, com referência de um QR Code para download do arquivo referente a cartilha em PDF, mas infelizmente, ante o exíguo prazo para elaboração do formato do produto foi escolhido para apresentação uma cartilha, que por sua vez, foi produzida para atingir a um público em geral, principalmente no âmbito acadêmico, estudantes, docentes e demais interessados na temática trabalhada, disponibilizado como mais uma fonte de pesquisa, com uma linguagem clara e objetiva, de visual leve e atraente e fidedignidade as informações. Nosso intuito é de que a leitura dessa cartilha possa abranger uma grande parte da história de Gregório Lourenço Bezerra, militante político e revolucionário, perseguido nas ditaduras em que vivenciou, marcada por um período de forte resistências nos governos militares durante o século passado.

O formato traz também elementos facilitadores, pois, além de se tratar de um material que proporcionará uma leitura prática, é também de baixo custo na sua aquisição. A cartilha é um material que expõe de forma leve e dinâmica um conteúdo organizado e sumarizado.

O material contém uma capa, que destaca o título da cartilha, o autor e uma imagem que representa o personagem com o título “GREGÓRIO BEZERRA NA “SEGUNDA TRINCHEIRA””: história de militância política e resistências ao Golpe e Ditadura civil-militar no Brasil (1964-1983)”

4. APRESENTAÇÃO E APLICAÇÃO DO PRODUTO

A Cartilha foi desenvolvida durante a realização do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em História – 4ª Turma – Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Tendo como orientador o Professor Dr. Helder Remígio de Amorim

O objetivo da cartilha apresentada busca despertar o gosto pela leitura através de um modo que podemos dizer não ao tradicional e ficará disponível ao público em geral em formato de PDF e disponível também através da internet, no link <https://heyzine.com/flip-book/8bee415512.html>, em formato de flipbook, Este termo aplica-se a um livro digital ilustrado com textos e imagens, que na

prática, significa fazer uma simulação de movimento das páginas a um simples clique de mouse, esse recurso instrucional serve como material de estudo e facilita a fixar a aprendizagem.

A cartilha apresenta, além da capa, contra-capa e outros elementos pré-textuais: epígrafe, ficha técnica, o sumário, que contém a paginação de cada tópico presente no corpo do manuscrito, resumo, apresentação, que brevemente expõe a origem do material que será tratado, a didática utilizada para facilitar a compreensão dos leitores.

Para uma apresentação didática dos conteúdos da cartilha, os elementos textuais foram estruturados e apresentados em dois capítulos com os seguintes tópicos:

1- APRESENTAÇÃO;

2. CAPÍTULO I

2.1 - Golpe de Estado no Brasil em 1964;

2.2 - Prisão de Gregório Lourenço Bezerra;

2.3 - O STM nega “habeas-corpus” a Gregório Bezerra;

2.4 – Acusação;

2.5 - Julgamento de Gregório Bezerra e mais 30 presos;

2.6 - Quase dois séculos somaram as penas dos implicados no processo;

2.7 - Julgamento da Apelação.

3. CAPÍTULO II

3.1 - O sequestro do embaixador americano Charles Elbrick;

3.2 - Avião faz escala no Recife para apanhar Gregório Bezerra;

3.3 - Desembarque dos prisioneiros foi precedido de negociações no México.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS;

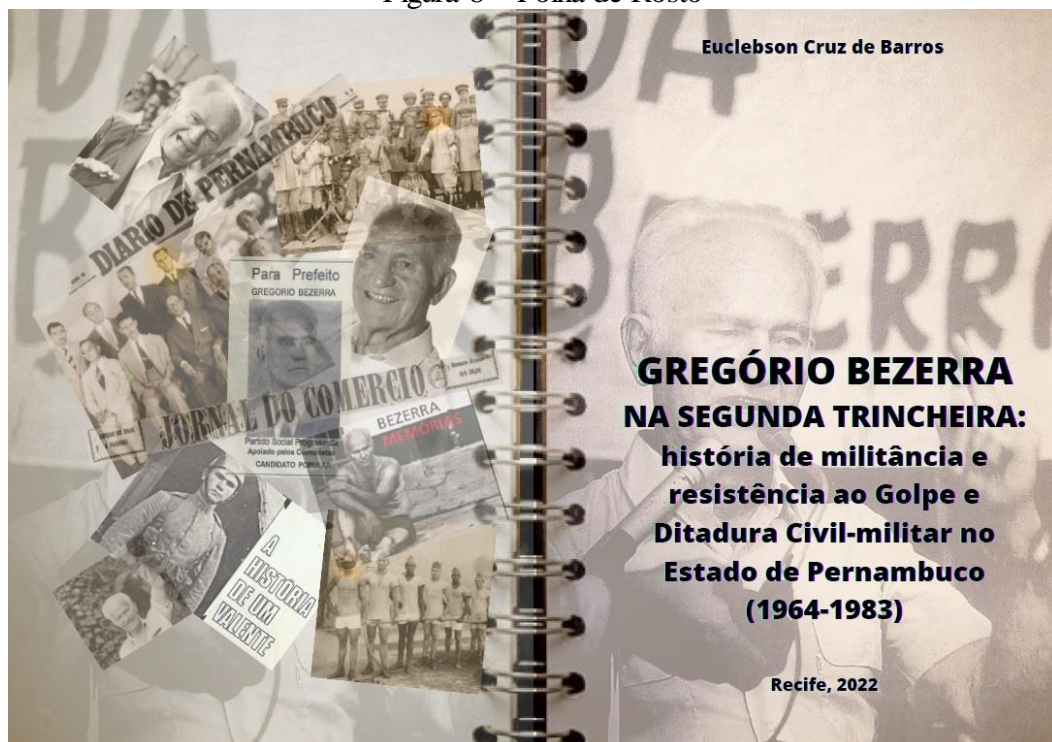
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Figura 7 – Capa



Fonte: Acervo pessoal

Figura 8 – Folha de Rosto



Fonte: Acervo pessoal

Figura 9– Ficha Técnica e Sumário

FICHA TÉCNICA	SUMÁRIO
Euclebson Cruz de Barros Autor	1. APRESENTAÇÃO.....09
Prof. Dr. Helder Remígio de Amorim Orientador	2. CAPÍTULO I11
Euclebson Cruz de Barros Projeto Gráfico e Diagramação	2.1 - Golpe de Estado no Brasil em 1964.....11
Prof. Me. Braz Pereira Alves Neto Revisor	2.2 - Prisão de Gregório Lourenço Bezerra.....19
	2.3 - O STM nega "habeas-corpus" a Gregório Bezerra.....38
	2.4 - Acusação.....40
	2.5 - Julgamento de Gregório Bezerra e mais 30 presos.....42
	2.6 - Quase dois séculos somaram as penas dos implicados no processo.....64
	2.7 - Julgamento da Apelação69
	3. CAPÍTULO II76
	3.1 - O sequestro do embaixador americano Charles Elbrick.....76
	3.2 - Avião faz escala no Recife para apanhar Gregório Bezerra.....85
	3.3 - Desembarque dos prisioneiros foi precedido de negociações no México.....92
	4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....96
	5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....98

Fonte: Acervo pessoal

Figura 10– Páginas interna




Figura 02 – No aeroporto na Cidade do México, após o Hércules da FAB aterrissar, Gregório Bezerra desembarca e foi cercado por uma pequena multidão de jornalistas.

Em 1980 desliga-se do PC, solidarizando-se com Prestes, afirmando que continuaria fiel ao Marxismo-Leninismo e lutando pela Anistia Ampla, Geral e Irrestrita. Em abril de 1980, após o lançamento da Carta aos comunistas, através da qual Prestes formalizou sua cisão com a direção do PCB, Gregório Bezerra, negando-se a tomar uma posição nessa divergência, propôs a autodissolução do comitê central do partido o que não foi acolhida e, em maio do mesmo ano, desligou-se do órgão máximo do partido, condenando sua linha moderada e se proclamando solidário a Prestes. Em 1982 candidatou-se à Deputado Federal por Pernambuco na legenda do Partido do Movimento Democrático Brasileiro (PMDB), conseguindo a suplência.

17




Figura 03 - Gregório Bezerra em campanha eleitoral pela legenda do PMDB

Casou-se com Maria da Silva Bezerra, com quem teve dois filhos. Faleceu em São Paulo no dia 21 de outubro de 1983. Pouco antes de morrer Gregório declarou: "Gostaria de ser lembrado como o homem que foi amigo das crianças, dos pobres e excluídos; amado e respeitado pelo povo, pelas massas exploradas e sofridas; odiado e temido pelos capitalistas, sendo considerado o inimigo número um das ditaduras fascistas".

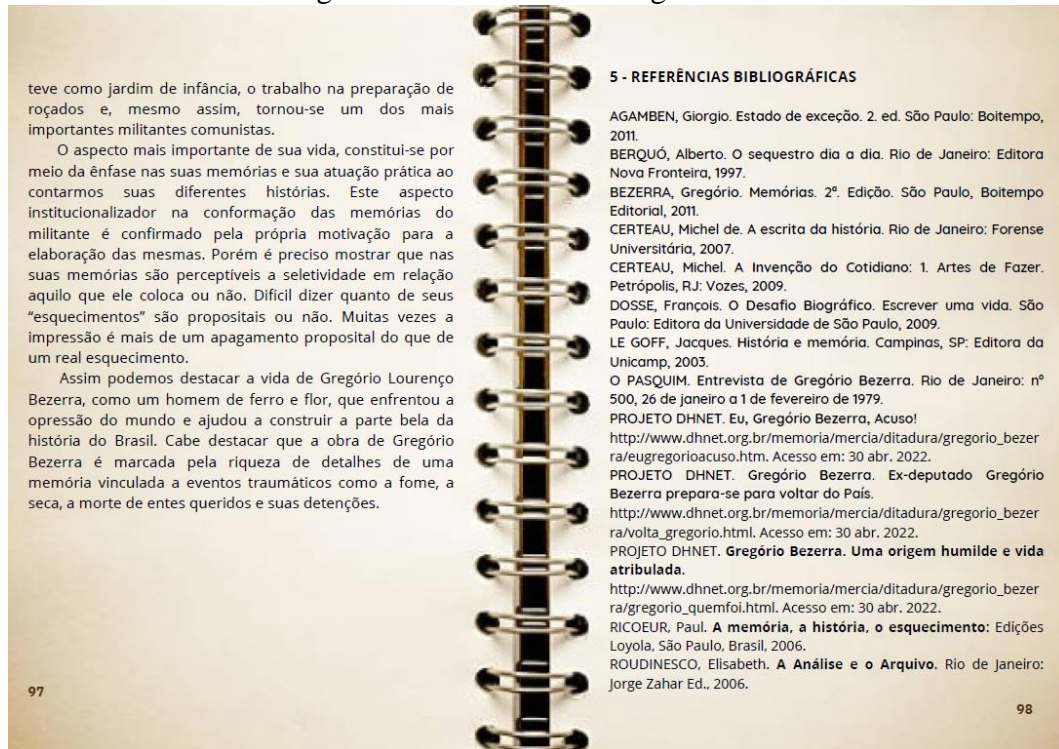
As declarações de Mércia Albuquerque Ferreira, advogada de Gregório em 1964, publicada no Diário de Pernambuco de 13 de março de 2000.

"Decidi que tinha que fazer alguma coisa por Gregório Bezerra, defendê-lo, quando o vi ameaçado de ser enforcado em Casa Forte, todo ensanguentado. Ele não guardava ódio de ninguém, sua questão era ideológica. Gregório representa a luta pela liberdade dos excluídos, porque ele abriu caminho entre as classes, esclareceu camponeses e operários ou, pelo menos, tentou. Que outros continuem."

18

Fonte: Acervo pessoal

Figura 11– Referências Bibliográficas



Fonte: Acervo pessoal

Para a elaboração da cartilha, os dados oriundos do estudo realizado, foram analisados às pesquisas bibliográficas e documentais sobre o assunto para a proposição do material didático. Também foi necessário decidir o objetivo da cartilha, a mensagem principal e as específicas que a cartilha deverá passar na contextualização do personagem.

Todos estes tópicos abordados foram solucionados a partir da escolha do conteúdo tratado na cartilha. Durante a elaboração da cartilha, foi ressaltado a utilização de uma linguagem clara, direta e de fácil entendimento/compreensão.

Para a criação e layout e diagramação da cartilha, foram utilizados os seguintes programas disponibilizados nos sites: <https://www.canva.com>, <https://app.flipsnack.com/myflipbooks>, Wondershare PDF Editor e Microsoft Office Professional Plus 2013.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esperamos, através desse trabalho de estudo bibliográfico, divulgar e valorizar os resultados alcançados nesta pesquisa, que pautou-se pela análise do material coletado dos registros e memórias por meio da metodologia da história documental, recolhido e organizado os dados dessas informações sobre o passado recente desse importante personagem da historiografia pernambucana e nacional, que permanece inconclusos como um “luto inacabado”, decorridos mais de quarenta anos da Lei de Anistia.

Por essa razão, optamos por relacionar esses fatos de sua história como uma expressão relevante na compreensão da historiografia no que diz respeito à relação entre tendências e contratendências. É preciso compreendê-la a partir de contradições, e isso nos permite entender que tendências não significam o mesmo que relações lineares, evolutivas e causais. Isto é, se operássemos com a lógica formal da história, seria impossível conceber a existência da pessoa como Gregório Bezerra, que se formou no mais alto nível de rigidez e disciplina militar da década de 1930, nascido em família de camponeses paupérrimos e analfabetos, sem-terra, teve como jardim de infância, o trabalho na preparação de roçados e, mesmo assim, tornou-se um dos mais importantes militantes comunistas.

O aspecto mais importante de sua vida, constitui-se por meio da ênfase nas suas memórias e sua atuação prática ao contarmos suas diferentes histórias. Este aspecto institucionalizador na conformação das memórias do militante é confirmado pela própria motivação para a elaboração das mesmas. Porém é preciso mostrar que nas suas memórias são perceptíveis a seletividade em relação aquilo que ele coloca ou não. Difícil dizer quanto de seus “esquecimentos” são propositais ou não. Muitas vezes a impressão é mais de um apagamento proposital do que de um real esquecimento.

Assim podemos destacar a vida de Gregório Lourenço Bezerra, como um homem de ferro e flor, que enfrentou a opressão do mundo e ajudou a construir a parte bela da história do Brasil. Cabe destacar que a obra de Gregório Bezerra é marcada pela riqueza de detalhes de uma memória vinculada a eventos traumáticos como a fome, a seca, a morte de entes queridos e suas detenções.

7 – LISTAGEM DE ACERVOS E FONTES

- PERIÓDICOS

O PASQUIM. **Entrevista de Gregório Bezerra**. Rio de Janeiro: nº 500, 26 de janeiro a 1 de fevereiro de 1979.

LATUFF, C. 2008. **Martírio de Gregório Bezerra.** Disponível em: <https://www.brasildefatope.com.br/2019/04/01/feito-de-ferro-e-de-flor-historia-de-gregorio-bezerra-marcou-resistencia-a-ditadura>. Acesso em: 20 jan.2021.

PROJETO DHNET. **Eu, Gregório Bezerra, Acuso!**

http://www.dhnet.org.br/memoria/mercia/ditadura/gregorio_bezerra/eugregorioacuso.htm. Acesso em: 30 abr. 2021.

PROJETO DHNET. Gregório Bezerra. **Ex-deputado Gregório Bezerra prepara-se para voltar do País.** http://www.dhnet.org.br/memoria/mercia/ditadura/gregorio_bezerra/volta_gregorio.html. Acesso em: 30 abr. 2021.

PROJETO DHNET. Gregório Bezerra. **Uma origem humilde e vida atribulada.** http://www.dhnet.org.br/memoria/mercia/ditadura/gregorio_bezerra/gregorio_quemfoi.html. Acesso em: 30 abr. 2021.

- AUDIOVISUAL

JCAVANCANDO . 1 Vídeo (10min) - **Gregório Bezerra - Uma entrevista histórica - Parte 2.** Publicado pelo canal do Youtube, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=WhcSX3TfKA4&t=35s&ab_channel=jcavancando. Acesso em: 06 jan. 2022.

JCAVANCANDO. 1 vídeo (10min) - **Gregório Bezerra - Uma entrevista histórica - Parte 1.** Publicado pelo canal do Youtube, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=xDhwI9cUfYw&t=6s&ab_channel=jcavancando. Acesso em: 06 jan. 2022.

JCAVANCANDO. 1 Vídeo (10min) - **Gregório Bezerra - Uma entrevista histórica - Parte 3.** Publicado pelo canal do Youtube, 2014. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=2rdP3YUP24Q&ab_channel=jcavancando. Acesso em: 06 jan. 2022.

PEDROSA, Cida. **Homenagem a opositor torturado pela Ditadura**. 2022. 1 vídeo (1 min 42 s).

Publicado pelo canal TV Câmara do Recife: disponível em:

https://www.youtube.com/results?search_query=cida+pedrosa+greg%C3%B3rio+bezerra. Acesso em: 10 mai. 2022.

VIDEOTECA VIRTUAL GREGÓRIO BEZERRA. 1 Vídeo (44min) - **A Idade do Século - Voz e Rosto de Gregório Bezerra**. Publicado pelo canal do Youtube, 2015. Disponível em:

https://www.youtube.com/watch?v=fjWtQTEgdfk&t=1653s&ab_channel=VideotecaVirtualGreg%C3%B3rioBezerra. Acesso em: 06 jan. 2022.

9- BIBLIOGRAFIA

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de exceção**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2011.

ALVES, Maria Helena Moreira. **Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Petrópolis: Vozes, 1985.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da História**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014

BERQUÓ, Alberto. **O sequestro dia a dia**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1997.

BEZERRA, Gregório. **Memórias**. 1ª. Edição. São Paulo, Boitempo Editorial, 2011.

BRITO, Tássio Araújo de. **A toga e a espada: Mércia Albuquerque e Gregório Bezerra na Justiça Militar (1964-1969)** – Recife: O autor, 2015. 124 f. il. ; 30 cm.

CÂMARA, Hélder. **O deserto é fértil**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira S.A., 1977.

CAVALCANTI, Paulo. **O Caso eu conto como foi: A luta Clandestina**. - memórias políticas Volume IV. Recife: CEPE, 2008b.

CAVALCANTI, Paulo. **O Caso eu conto como foi: Fatos do meu tempo – memórias políticas** Volume II. Recife: CEPE, 2008a.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

DOSSE, François. **O Desafio Biográfico**. Escrever uma vida. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2003.

LUCA, Tânia Regina de. A história dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2005.

LUCA, Tânia Regina de. **Práticas de pesquisa em história**. São Paulo: Contexto, 2020.

NAPOLITANO, Marcos. Negacionismo e revisionismo no século XXI. In: PINSKY, J. ; PINSKY, C. **Novos debates pela História**: desafios – ensino. São Paulo: Contexto, 2021.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**: São Paulo: Edições Loyola, 2006.

ROUDINESCO, Elisabeth. **A Análise e o Arquivo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

10. ANEXOS

N.º 220



República Federativa do Brasil

REGISTRO CIVIL DAS PESSOAS NATURAIS
DO 2.º SUBDISTRITO DE LIBERDADE

Comarca da Capital do Estado de São Paulo

Bel. Jarbas Emilio de Moraes
Escrivão

CERTIDÃO DE ÓBITO

CERTIFICO que, sob n.º 48.785, à fls. 193v do livro n.º 81-3 de registro de ÓBITOS, encontra-se o assento de Gregório Lourenço Bezerra, falecido aos 21 de outubro de 1983, às 2 horas e 20 minutos, neste distrito Beneficencia Portuguesa do sexo masculino de cor branca, profissão aposentado, natural de Pernambuco domiciliado em Recife Pernambuco e residente n.º / com 82 anos de idade, estado civil casado, filho de Lourenço Bezerra e Malacina da Conceição Bezerra. Casado com Maria Bezerra, deixa os filhos Jandira-Jurandir-Não deixa bens.

tendo sido declarante Maria de Pompeia Lins Pessoa o óbito atestado pelo Dr. Fernando Luiz de Melo Sales que deu como causa da morte choque cardiogenico-infarto agudo miocárdio e o sepultamento feito no cemitério de Recife Pe.

Observações:

Custas Cr\$ 900,00
Tx. Apos. Cr\$ 180,00
Total Cr\$ 1.080,00
Guia 278 83 1

FIRMA NO 15.º TABELIONATO
RUA DA GLÓRIA, N.º
PRÓXIMO AO FORUM

O referido é verdade e dou fé.

São Paulo, (2.º Subdistrito) 24 de outubro de 1983

O Escrivão,

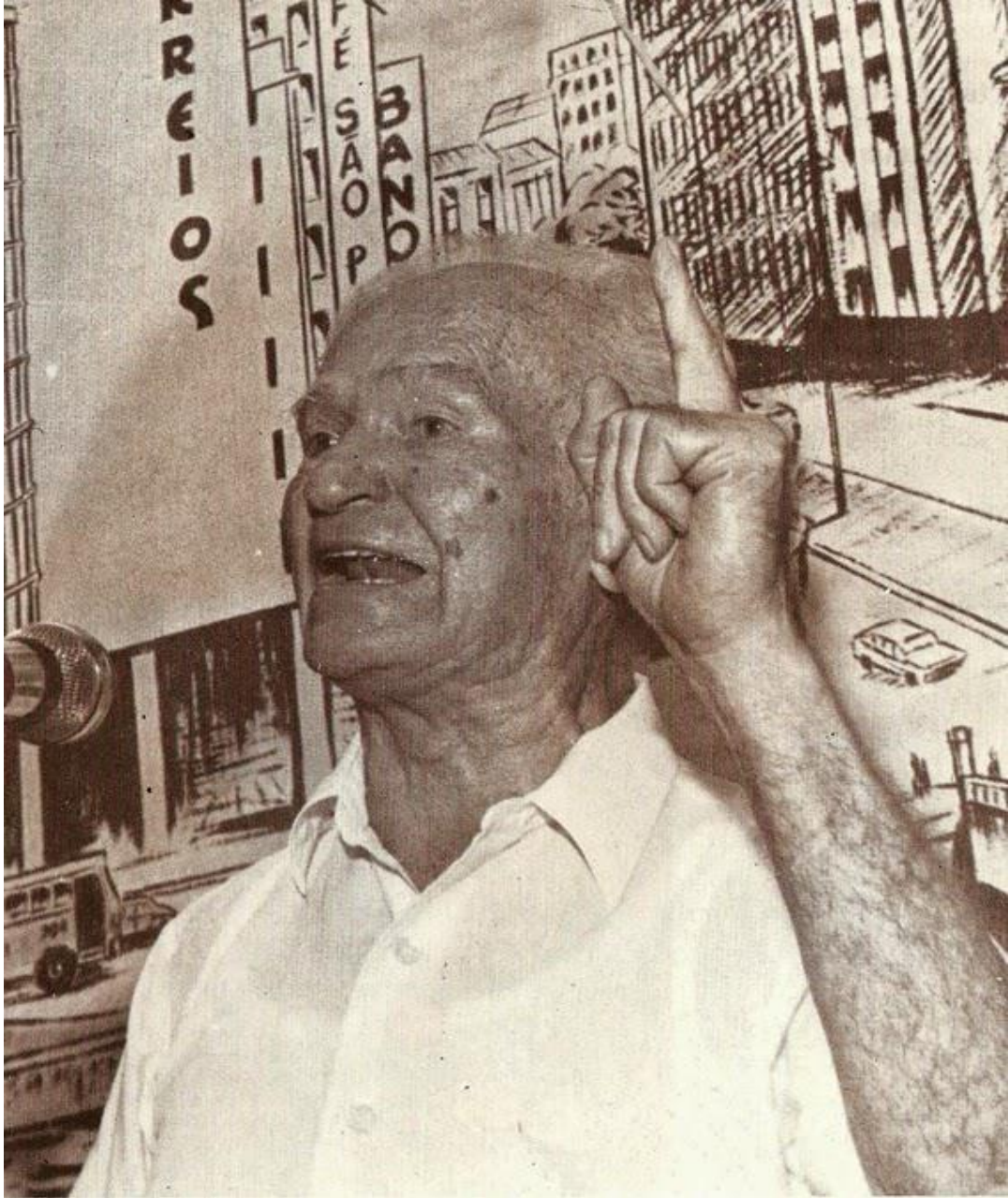
CARTÓRIO
Rua Tamandaré, 1060 - São Paulo
Telefone: 278-4741

Registro Civil - LIBERDADE
HELIA F. ESCREVENTE

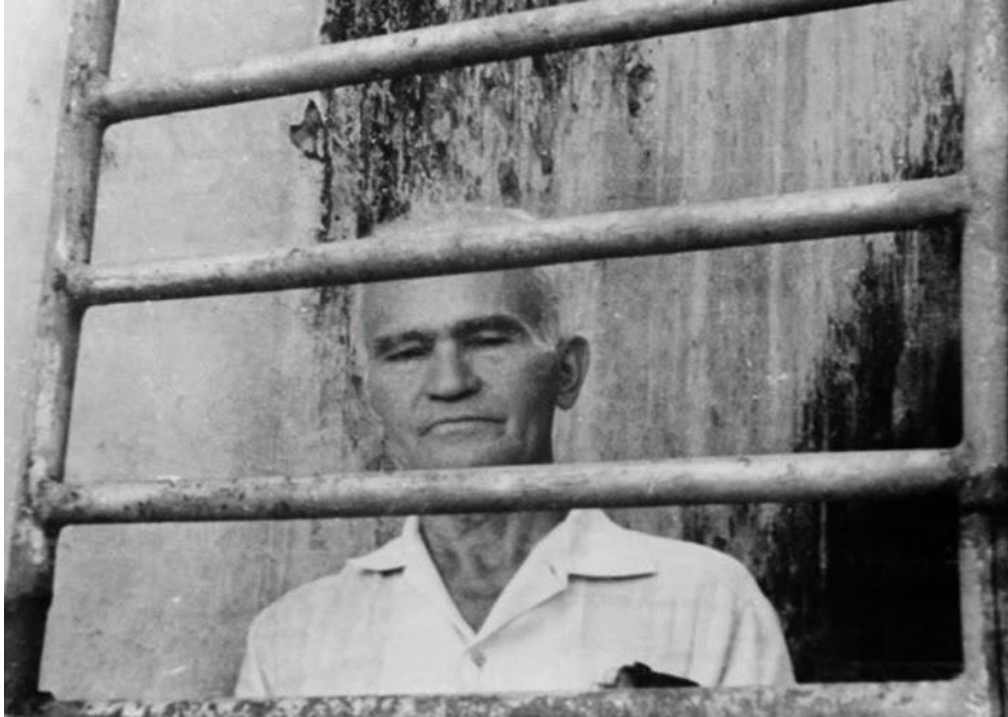
23ª TABELIÃO DE NOTAS DE SÃO PAULO - Rua do Estado, 1060 - São Paulo - SP - Fone: (11) 5047-5421
AUTENTICAÇÃO autêntica e precisa (SP) conforme o original (SP) e conforme o que dou fé.

SP 1926AA073957

Certidão de Óbito de Gregório Bezerra, extraído do processo de execução nº 273/01 da Secretaria da Justiça do Estado de Pernambuco, referente a indenização de preso político impetrado por Jurandir Bezerra, filho e representante legal de Gregório Lourenço Bezerra, doc.03 pag. 11



Em 1982, no Batutas de São José, durante o lançamento de sua candidatura a deputado federal nas eleições de 15 de novembro. Fonte: BEZERRA, Gregório. Memórias. 1ª. Ed. São Paulo, Boitempo Editorial, 2011, pág. 603.



Gregório Bezerra em 1967, recolhido à Casa de Detenção do Recife, condenado a 19 anos de reclusão. “Estou preso desde 1964. Em meu poder não foram encontrados nem armas nem documentos comprometedores. Embora preso, acompanho a marcha do mundo. E vejo, das grades, esse magnífico espetáculo das lutas de libertação nacional dos povos oprimidos.”



Filha e neta de Gregório Bezerra não escondem sua emoção ao visitá-lo na prisão. Revista Manchete - 1964 Ed. 0650.



Em 1973, com membros do Congresso Nacional, em visita ao mausoléu de Lenin na Praça Vermelha.
Fonte: BEZERRA, Gregório. **Memórias**. 1ª. Ed. São Paulo, Boitempo Editorial, 2011, pág. 593.



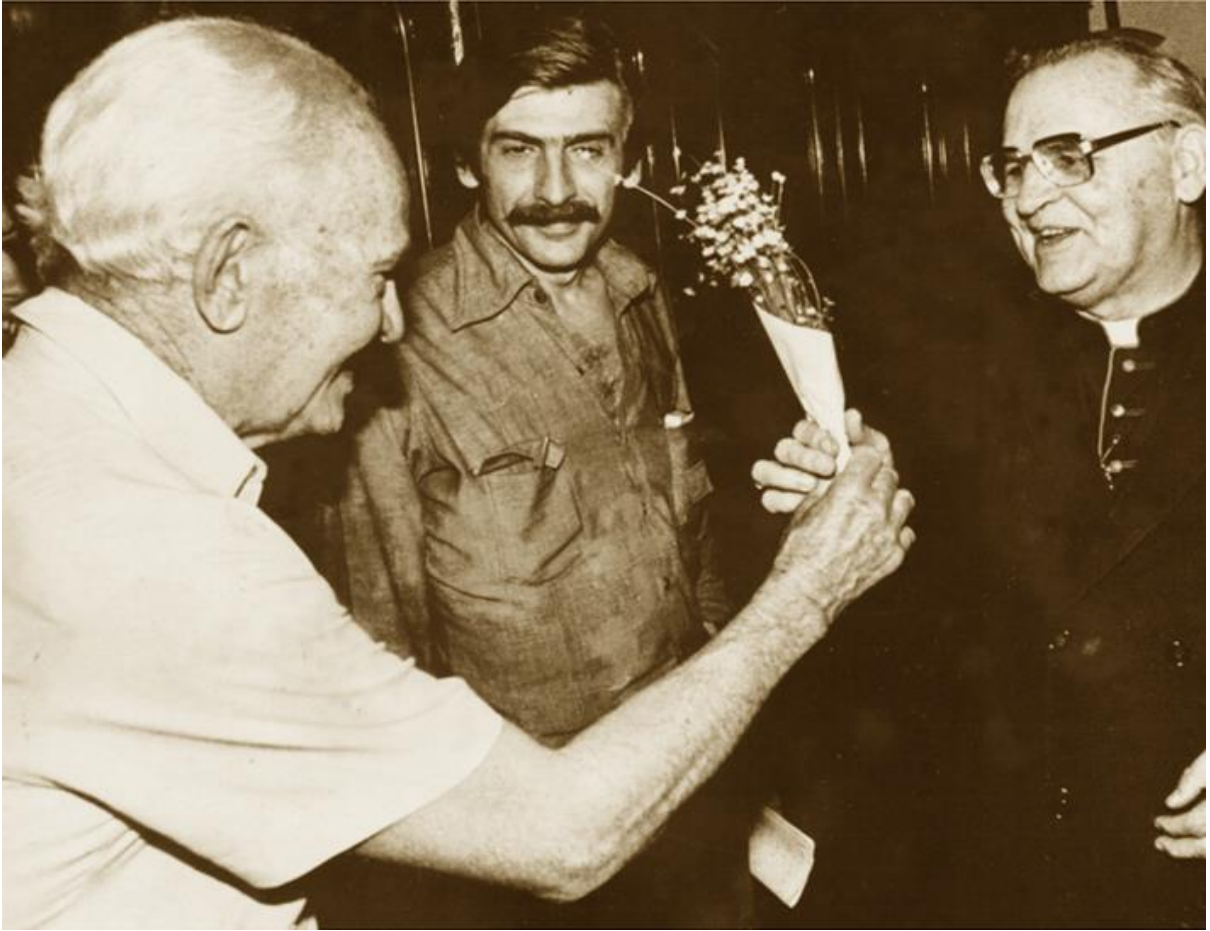
A advogada Mércia Albuquerque visita Gregório Bezerra na Casa de Detenção do Recife, no fim da década de 1960.



Em 1979, no retorno do exílio, recebido pela advogada Mércia Albuquerque e sua esposa Maria da Silva.



Em novembro de 1979, na companhia de sua esposa Maria da Silva, a dona Maroca, na residência no bairro de Jardim São Paulo – Recife/PE.



Em outubro de 1979, no retorno do exílio, leva flores a dom Paulo Evaristo Arns (à direita), arcebispo de São Paulo. Ao centro, na foto, o jornalista Vanderley Caixe.

Advogada: Vilocq torturou Gregório

"Quando vi Gregório Bezerra todo ensanguentado, amarrado pelo pescoco com uma corda de várias pontas que eram puxadas por soldados, cambaleando pela praça de Casa Forte, tendo à frente o coronel Darci Vilocq que gritava o tempo todo, decidi fazer alguma coisa por aquele homem, mesmo sem saber, na hora, quem ele era".

Em seu testemunho do denominado "passelo" do ex-líder comunista Gregório Bezerra foi dado ontem pela advogada Mércia Albuquerque, que o defendeu e o assistiu até o dia em que ele foi banido do país, em troca do embalsador norte-americano Charles Elbrick: "Gregório foi muito torturado pelo coronel Vilocq, que não pode negar o que aconteceu em Casa Forte, pois até crianças assistiram ao que ele fez".

Por defender Gregório Bezerra, Mércia Albuquerque foi presa seis vezes:

"Numa delas, fiquei sabendo que foi o próprio Vilocq quem autorizou, mas isso não posso provar. Ele, pessoalmente, nunca me ameaçou mas eu sofri muitas pressões quando resolvi defender Gregório até o fim".

Ela contou que, no dia em que Gregório "passeou" pela praça de Casa Forte não sabia nem mesmo quem ele era: "foi por acaso. Eu era recém-formada em Direito na época e ensinava na Escolas Reunidas Pio XII, em Casa Forte. Na cidade, o tumulto era grande e havia o boato de que não haveria aulas. Mesmo assim, fui até ao colégio, que já começava a dis pensar os alunos. Foi então que vi uma gritaria, todo mundo correndo e fui até a praça ver o que estava acontecendo".

Ela classifica de "Quadro Alucinante" a cena que assim descreve: "pela praça, lá passando uma verdadeira procissão, tendo à frente um homem que gritava coisas horróricas que agora não lembro com detalhes e fiquei sabendo mais tarde que era o coronel Vilocq e, atrás dele, cambaleando, todo ensanguentado, sendo puxado por soldados que seguravam nas pontas de uma corda amarrada no seu pescoco, vinha um homem alto, forte, Gregório Bezerra".

Segundo a advogada, as crianças começavam a chorar e gritar e ela perguntou a um rapaz quem era aquele que estava amarrado: "me disseram que era o chefe do partido comunista que ia ser enforcado ali na praça e que o da frente era o coronel Vilocq uma coisa horrível que não gosto nem de lembrar. Mas logo depois, ele foi retirado do meio da rua e naquele momento, eu de-

cidí que ia fazer alguma coisa por ele".

Nesta mesma época, diz a advogada, ela estava estagiando com o advogado Juarez Vieira da Cunha, que foi contratado para defender Gregório Bezerra: "eu, dois ou três depois do que houve na praça, fui ao Quartel com Juarez conhecer o Gregório. E quando ele quis saber se também eu o defenderia, expliquei que estava apenas começando, ao que ele disse: "minha filha, sou comunista e jamais negarei. Por isso, não é difícil ser meu advogado, pois o que eu quero é apenas lealdade".

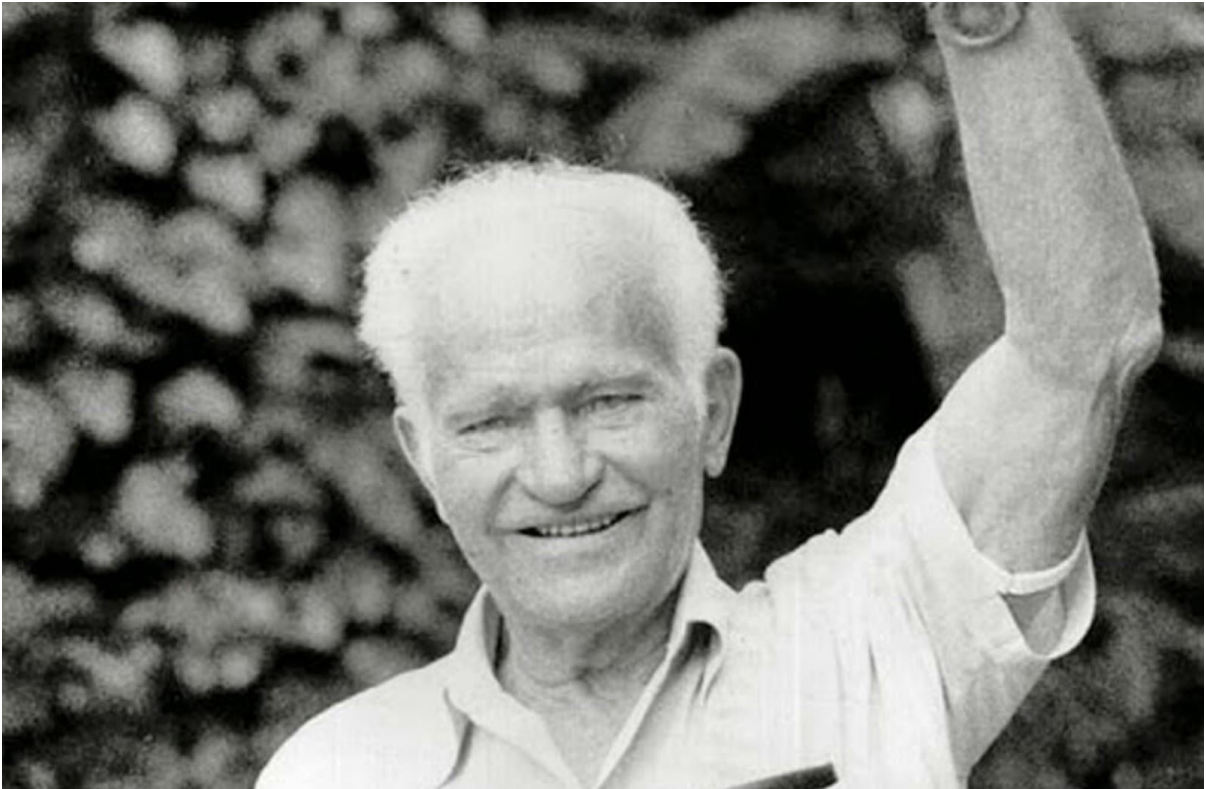
Juarez Vieira da Cunha aceitou a defesa de Gregório, mas logo depois, segundo a sra. Mércia Albuquerque que foi preso: "sua família ficou muito traumatizada e quando deixou a prisão, eu resolvi enfrentar sozinho o caso de Gregório. Recebi pressões de todas as maneiras possíveis e imagináveis e, durante todo o tempo, tive o apoio de Boris Trindade, penalista da capital, que muito me incentivou. Também fui estimulada por outro colega, Fernando Tasso, que me ajudou demais. E além disso, ninguém mais me apoiava porque eu era apolítica, não conhecia ninguém do partido e havia abraçado aquela causa, por não concordar com a violência que assisti".

Ela disse também que um dia, indo ao quartel de mecanização, para pegar uns dados de preparação sua defesa, encontrou o coronel Vilocq se vangloriando: "ele recebia algumas visitas e mostrava o cano de ferro com o qual espancou Gregório e tentou empalá-lo. Fiquei tão chocada que fui embora, sem falar mais com ninguém".

Por conta dos espancamentos — conta a advogada — Gregório Bezerra foi operado da próstata e teve que ser medicado para que sarasse da pancada que levou na cabeça com o cano de ferro, além dos espancamentos: "quando Gregório foi para o IV Exército, depois do que ocorreu em Casa Forte, eu levei, escondida, uma pinça para que ele pudesse retirar dos pés as pedras, pedaços de madeiras e outros objetos que estavam encravados, depois do "passelo". Seus pés ficaram estragadíssimos porque antes de sair para a rua, ele me contou que colocaram soda-cáustica em sua cela, para que seus pés ficassem feridos".

Por tudo isso, afirmou a advogada, "eu acredito que o jornalista não entendeu bem o que Vilocq contou, porque não é possível que ele negue o que ocorreu na praça de Casa Forte. E as televisões filmaram o que aconteceu lá e milhares de pessoas assistiram, inclusive eu".





Gregório Bezerra foi importante político pernambucano – FUNDAJ